

CARLOS GOMES EM MILÃO

Visconde de TAUNAY

Em 1878 o engenheiro Alfredo d'Escragnolle Taunay, que alguns anos depois seria galardoado com o título de **Visconde de Taunay**, empreendeu viagem a diversos países da Europa. Estando na Itália, fez questão de ir a Milão em visita a Carlos Gomes, que, então vivia na importante cidade italiana. Não só para visitá-lo, mas também para assistir uma ópera do compositor campineiro, **Salvator Rosa**. Lembremos que Taunay foi dos poucos amigos com que Carlos Gomes contou no início de sua carreira. Em relato datado de Lecco, a 12 de novembro de 1878, encontramos pormenorizadamente narrados os dois dias de convívio dos dois grandes brasileiros em Milão. Seu relato foi incluído no livro **Recordações de guerra e de viagem**, pp. 148-154, editado em São Paulo, em 1924, pela Companhia Melhoramentos, com prefácio de Afonso de E. Taunay. Em se tratando de livro nunca reeditado, portanto de acesso não muito fácil ao leitor de hoje, julgamos oportuno transcrever o capítulo relativo a Carlos Gomes. ONM

Na bela estação da estrada de ferro de Milão, um homem moreno, de feição expressiva, olhos negros, coma grisalha e metido num sobretudo que lhe descia aos pés, precipitou-se sobre mim, apertou-me freneticamente nos braços e beijou-me as faces. Era Carlos Gomes. Apressadas, atropeladas, saíam-lhe dos lábios inúmeras perguntas sobre o Brasil, o Imperador, os amigos e conhecidos do Rio de Janeiro, o conceito que dele faziam, a confiança que porventura merecia, sobre mais isto e mais aquilo, o transbordar, enfim, sincero e impetuoso de um coração de artista e de patriota. “Há tanto tempo, exclamava ele, tomando-me as mãos, que não digo uma palavra em português! E é tão bom a gente exprimir-se na língua que falou em criança!”

Fomos para o grande hotel de Milão, à rua Alessandro Manzoni. Nem de propósito, por feliz coincidência anunciaram os cartazes suspensos

à porta que no teatro “dal Verme”, o único que trabalha agora, naquela noite representava-se o **Salvator Rosa**. Ato contínuo e a pé dirigimo-nos para lá a tomarmos um camarote.

Pelas ruas, Gomes era muito cumprimentado; pessoas deixavam a calçada do lado oposto para virem dar-lhe a mão com verdadeira afetuosidade. No teatro, desde o porteiro até ao diretor, acolheram-nos com sorrisos e facilidades. “Para o **maestro**, tudo”, diziam eles, e, como eu ia sendo à medida apresentado pelo **maestro**, com calor e quase entusiasmo, a amabilidade italiana tomava formas de pomposa exuberância. Camarote, o melhor, libretos, entradas, tudo foi-me oferecido no meio de muitos elogios ao Brasil. “Que terra! Que natureza! Que Imperador! Que talentos!”.

À noite, depois de passearmos todo o dia pela cidade, agora, cá do meu lado exclamo: “Que belezas! Que monumentos! Que magnificências!”, fomos, eu e minha mulher, ao teatro. Gomes, apesar de estar com o peito muito atacado de um defluxo e já com uma pontinha de febre, quis, por força, acompanhar-nos. À porta, um menino apresentou-lhe o **libretto**, gritando “Salvator Rosa! a grande ópera!”. O porteiro, que viera abrir-nos o carro interpelou-o, rindo: “Então, tolinho, não conheces ainda o **maestro**? Queres vender pão ao padeiro?”

O teatro “dal Verme” é vasto e elegante. Foi enchendo-se aos poucos. Às 8 menos um quarto começou a ouvertura, executada por excelente orquestra. Gomes não estava, contudo, satisfeito, aliás como sempre. “Não acho sonoridade, resmoneava ele: os violinos não cantam. Estes músicos ainda não compreenderam o que eu quis dizer!”

Nesse tempo a sala estava quase cheia. Também a inspirada canção de Gennariello:

“Mia peccerella, deh? vieni allo mare

Nella barchetta v'è un letto di fior!”

foi muito aplaudida e bisada. Cantava-a, aliás, a favorita do público, a senhora Elena Boronat, que tem voz extensa e fresca. Tão feliz não era Salvator Rosa, cujo papel o tenor Frederico Devillier, conhecido no Rio de Janeiro pelo seu fiasco, interpretava pessimamente, ou melhor, assassinava. A cada nota desafinada, e não eram poucas, Carlos Gomes metia a mão nos cabelos, erguendo com fúria concentrada aquela legítima

juba. A primadona Contarini, que fazia de Isabella, é boa, mas está um tanto cansada. Com muito sentimento disse a vela **romanza**:

“Volate o libere

Aure dei cieli”

e no apaixonado dueto do 3º ato com o Duque d’Arcos, o signor Tamburlini, mereceu as palmas que colheu. Quanto a Masaniello (Bertolasi) não compensava a voz com a impropriedade de seu tipo avolumado em um tanto grotesco.

Apesar dos senões da interpretação, a ópera agradou-me imenso. Os dois últimos atos sobretudo têm coisas muito notáveis, e que arrancaram sempre aplausos de um público habitualmente desatento.

No 4º ato foi novamente bisada a canção de Genariello, e se a Boronat não se declarasse fatigada, teria sido repetida pela terceira vez. “É sempre assim, disse-me Gomes, o que nada me custou, o que escrevi apenas num momento de bom humor, causa todo este barulho, ao passo que a Fosca, que é um trabalho sério, consciencioso e cheio de valor, foi recebido friamente. Retrataram-se, é certo; cobriram-me de flores e palmas com a mesma **Fosca**, mas o golpe já estava dado. Desse tempo é que datam os meus cabelos brancos. Compuz **Salvator Rosa** em seis meses, como mero desabado.”

A linguagem de que usa Gomes é sempre imaginosa e pitoresca, um tanto acaipirada. Assim, quando ao finalizar Devillier a ária do 1º ato

“Forma divina, eterea

Di luce e di candor”

que cantou sempre meio tom abaixo, engasgando-se por vezes, gritaram **bis**, Gomes exclamou do seu canto e frenético: “Qual bis! Qual bis! Toca o boi p’ra diante!”

Nos entreatos vieram ao nosso camarote o diretor do teatro, o Sr. Villa, e o regente da orquestra, o Sr. Cialdo Cialdino. Este contou-nos que o tenor gabara-se de estar numa de suas melhores noites, tendo naturalmente chegado a contentar o maestro, cuja presença sabia no teatro.

O Sr. Villa mostrava-se satisfeito com a casa que tinha. “Gomes, disse-me ele, é o favorito do público. É hoje a décima representação desta ópera na presente estação, e entretanto acode sempre

gente. Agora, simultaneamente dá-se o **Salvator** aqui em Milão, em Florença, Roma, Nápoles e Malta. Em Florença foi escolhido para o espetáculo em grande gala, por ocasião da chegada do Rei Humberto”.

Sem termos visto o bailado que se seguia, voltamos para o hotel à meia-noite.

No dia seguinte, pela manhã, fui à casa do maestro, 2º andar nº 10, via Soncino Merati, mais viela do que rua, pois é tão estreita que nela mal entra um carro. Achei-o de cama, tendo ardido toda a noite em febre.

Ainda assim estava já de lápis em punho a corrigir as últimas provas da **Maria Tudor**, cuja redução para piano e canto por N. Celega sairá por todo o mês de dezembro, formando uma das mais belas e luxuosas edições que dará o importante estabelecimento Ricordi.

Esta ópera é a grande esperança de Gomes e de sua extremosa e inteligente esposa Adelina Peri. “Se **Maria Tudor** for por diante, então editores e empresários hão de ficar comigo que nem cordeirinhos”. Ali mesmo executei ao piano uns trechos que me pareceram excelentes e cheios de harmonias contrapontadas.

Para compor, Carlos Gomes lê e relê o libreto que lhe dão; não o deixa noite e dia; decora-o; leva-o consigo a toda a parte; a cada instante o consulta. Possui-se do assunto quanto possível; depois, num dia de maretta senta-se à mesa do trabalho e rapidamente enche cadernos e cadernos de papel de música. Muitas vezes, num ímpeto de impaciência, rasga tudo quanto escrevera durante semanas inteiras e recomeça logo, sem guardar nada da primeira inspiração. Com a **Maria Tudor** aconteceu que, estando pronta para o prelo, julgou dever modificar alguma cousa e de emenda em emenda, a cortar ou aumentar, refez de princípio a fim toda a partitura. Eis o labutar consciencioso, a aspiração irresistível à perfeição, acompanhada dessas agitações íntimas e contínuas, que o poeta pintou neste verso:

“Est Deus in nobis, agitante calescimus illo”,

e que nesta vida tudo podem dar, ovações, grandezas, glória, apoteose, menos a felicidade.

Se ele quiser ajudar-se ao piano, a improvisação o levará por veredas sem fim e nada lhe ficará de horas e horas de melodioso

desvanecido. É preciso agarrar pelos cabelos a imaginação e obrigá-la a caminhar de modo que a pena possa seguir-lhe os precipitados passos.

“Estou pensando muito na **Moema**, que você me mandou, disse-me ele, mas tenho medo de me meter outra vez com bugres! Preciso, enfim, remexer tudo aquilo nesta caldeira, a minha cachola. O maldito Ghislanzoni, o melhor libretista da Itália, foi encafuar-se em Lecco, ficou um esquisitão, anda sempre arrufado e faz-me uma falta imensa.”

De todos os lados, aliás, enviam-lhe libretos, dramas líricos ou cantatas para serem postos em música, todos com pomposas dedicatórias, legítimas filhas do engenho meridional.

Entregue de corpo e alma à família, Carlos Gomes compõe, instrumenta, combina todos os efeitos da orquestra, faz e desfaz no meio do barulho e gritaria dos seus dois filhos Carlos André e Mario. Nasceu-lhe, há dois meses, uma gentil filhinha, que se chamará Ítala. A sorte dessas crianças preocupa-o muito. “Que serão elas, nascidas e criadas aqui? Meus filhos italianos?” E batendo com uma mão fechada na outra, protesta com violência: “Não quero! Hão de ser brasileiros. É a pátria deles, o Brasil!”

Perguntei-lhe se não pretendia ir um dia estabelecer-se no Brasil. “Eu bem quisera! E daí, quem sabe? Mas como sair deste centro da maior agitação musical? Todos os anos apresentam-se na Itália, e principalmente aqui, para mais de 40 óperas em concorrência. E quantas se afundam para sempre! Onde está Marchetti? Onde Auteri, que apareceram como astros cheios de esplendor e sumiram-se como meteoros. Que teatro dá mais **Dolores**? Quem sobrenada é Ponchielli, uma grande esperança!”

O **Guarani** continua em sua carreira ascensional. Disse-me o professor Celega que só na Itália o editor Lucca já tirara para cima de 250.000 francos líquidos, e de contínuo o levaram à cena em Trento, Trieste, Barcelona, Madrid, Malta, sem falar na América.

“Foi a minha salvação **O Guarani**, exclamou Gomes. Sem ele, eu estaria hoje, quando muito, professor de piano e música. Sou por isso grato ao Lucca, mas entreguei-lhe a fortuna de meus filhos!”

E note-se que aqui os lugares nos teatros são baratíssimos, ridículos até. Um bilhete de platéia custa 1 fr. 25 cent.

Na tarde de 10, voltei à casa de Gomes e só a desoras é que me levantei para sair, apesar de seus protestos. “Espere mais um pouco, homem, pedia ele, tenho tanto que lhe perguntar!” A fazer-lhe a vontade, ficaríamos a noite inteira a conversar.

Meio receioso de me perder e a tiritar com frio, tomei por uns becos, dobrei a rua Pietro Verri, saí na de Bigli e, ao desembocar, esbarrei com a porta do meu hotel. Na manhã de 11, fui então dizer-lhe o adeus de despedida. Passara melhor a noite e pretendia nesse dia levantar-se. A senhora acompanhou-nos até o momento em que entramos no carro, que nos levou à estação do caminho de ferro com destino ao lago de Como.